



O ÓDIO E SEUS DESTINOS EM BACURAU: UMA ALEGORIA PARA O ATUAL CENÁRIO POLÍTICO-SOCIAL

Guilherme Wellington Teixeira de Lima ¹

Gabriella Dupim ²

Leonídia Aparecida Pereira da Silva ³

RESUMO

Ódio ao imigrante, políticas de segregação, ataques a grupos minoritários e historicamente marginalizados, estes são alguns recortes de realidade com os quais nos deparamos na atualidade. Ao mesmo tempo em que os processos de luta e de mobilização social garantiram acesso aos direitos humanos àqueles outrora excluídos, notamos um recrudescimento da violência através de certo empuxo ao que pode ser denominado como ódio à alteridade. Ressalta-se que essa aversão a diversidade não é exclusividade de nossa época, mas é preciso refletir e tecer considerações sobre os destinos deste afeto na contemporaneidade. Frente a isto, pretende-se discutir o afeto do ódio ao Outro à luz da psicanálise, nos servindo do filme Bacurau, como uma alegoria do atual cenário político-social.

Palavras-chave: Ódio, Violência, Afeto, Bacurau, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O filme Bacurau, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, premiado no festival de Cannes 2019 como melhor filme estrangeiro, nos causa uma série de reflexões acerca dos destinos do ódio na contemporaneidade. O roteiro do filme começou a ser escrito em 2010 e de certa forma adquire hoje, ares de clarividência, se considerarmos o recrudescimento da violência a grupos minoritários e historicamente marginalizados.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: guilhermelimatl@gmail.com;

² Psicanalista. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental - Universidade de Pernambuco (UPE-Garanhuns). Professora Adjunta Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana – LAPSO (UFCG/CNPq). Pós-doutoranda em Psychopathologie et Psychanalyse - Université Rennes 2. Doctère Psychologie Université Rennes 2. Doutora em Psicologia UFRJ. Mestre em Psicologia UFRJ. E-mail: gabidupim@gmail.com;

³ Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Especialista em Saúde da Criança pela Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB) e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: leonidiapereira1@gmail.com;



A trama se desenrola em Bacurau, cidade que dá nome ao filme, cravada nos confins de um Brasil profundo. Já na primeira cena, o velório de Dona Carmelita, uma senhora negra de 94 anos, uma das primeiras moradoras da cidade provoca certo impacto. No velório, nos surpreende a fala contundente de Plínio, professor e filho de Dona Carmelita que *in memoriam* de sua mãe, ressalta a diversidade de pessoas que ela gerou: de pedreiro a cientista, professor, médico, arquiteto, Michê e puta, mas nenhum ladrão. Se considerarmos o filme como uma alegoria, a composição familiar de Dona Carmelita reflete em algumas facetas a heterogeneidade do povo brasileiro.

Alguns dias após o velório, estranhos eventos, sem aparente causa e conexão, acontecem no vilarejo. Na escola, enquanto Plínio ensina as crianças a localização geográfica de Bacurau no Brasil, este se surpreende ao constatar que a cidade não mais se encontrava nos mapas digitais. Na rua, um caminhão pipa, responsável pelo fornecimento de água na cidade, surge completamente vazio, todo furado por tiros de bala. Outros acontecimentos pouco usuais como a chegada de forasteiros de moto aparentemente perdidos, o bloqueio dos meios de comunicação e misteriosos assassinatos provocam perplexidade na população. Diante deste cenário de horror, os moradores de Bacurau se reúnem e traçam estratégias para se defender, procurando desvendar o enigma para tais ataques. Em outra cena, em um casebre, nos limites fora da cidade, um grupo de estrangeiros, americanos, europeus, além de um casal de brasileiros do sudeste, recebem instruções por uma voz que ouvem a partir de auriculares. A voz imperativa comanda para que cada personagem, com sua arma de fogo *vintage*, ataque os moradores de Bacurau, aos moldes de um *reality game* de caça.

A que voz áfona obedece às massas? Tal qual a distopia do filme a contemporaneidade está marcada por fortes movimentos de segregação e violência que parecem ter como origem comum o ódio à alteridade, àqueles que representam o diferente. Não somente no Brasil, o retorno à governança de figuras políticas que manifestam em seu discurso ataques a grupos minoritários, tais como negros, indígenas, mulheres e a população LGBTQ+ tem sido uma constante. Em esfera mais global como nos Estados Unidos e na Europa, discursos anti-imigrantistas tomam a cena política em campanhas eleitorais e políticas públicas. Tal cenário nos permite pensar o lugar do Outro não semelhante na sociedade e o afeto do ódio que muitas vezes por meio de atos violentos se apresenta como única resposta.

METODOLOGIA



Diante do exposto, pretendemos discutir os destinos do afeto do ódio dirigido ao Outro, a partir do referencial teórico-clínico da psicanálise. Para tal, pretendemos nos valer do renomado filme brasileiro Bacurau, como uma alegoria para o atual cenário político-social. A escolha do filme justifica-se pela relevância do enredo enquanto potencial de representatividade das relações de ódio e violência à diversidade.

Ressalta-se que para aquele que analisa e interpreta um filme, o conteúdo da trama não é alcançado de imediato e tão pouco se apresenta com um sentido único e fechado, se construindo durante o percurso da própria análise. Nesta perspectiva, se intenciona identificar as partes que compõem a trama apresentada, buscando estabelecer ilações e alcançar percepções a respeito dela. Desse modo, o filme é tomado como o ponto de partida e o ponto de chegada para a discussão proposta (AUMONT; MARIE, 2013).

REFERENCIAL TEÓRICO

Como aporte teórico para análise do filme, tomamos como referência as contribuições da psicanálise, em particular as contribuições, no que concerne à questão do afeto do ódio a alteridade, em autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller.

Destacamos que pensar a dimensão do afeto do ódio dirigido ao Outro, é uma questão que se faz presente na história da psicanálise desde Freud. Ao nos debruçarmos sobre sua obra encontramos distintos momentos em que o autor tece considerações sobre o afeto do ódio. Em seu texto intitulado *Por que a guerra?* (FREUD, 1932), o mesmo busca responder à questão formulada por Einstein por meio de uma correspondência, se seria possível livrar o homem “das psicoses do ódio e da violência” (p. 25). Como dado histórico, gostaríamos de salientar que o próprio Freud foi alvo do que concernimos como ódio à diversidade étnica, tendo que fugir para Londres com sua família de origem judaica durante a Alemanha nazista.

Neste trabalho nos servimos de outros dois escritos de Freud que aportam subsídios para a presente discussão. Em *As pulsões e seus destinos* (FREUD, 1856-1939) o autor investiga os mecanismos de formação do Eu a partir da figura do bebê, que inicialmente não possui um Eu consolidado. Para a psicanálise, o processo de constituição narcísica do Eu enquanto unidade é perpassada pela diferenciação entre o corpo próprio e o mundo externo. É a partir das experiências de satisfação em contraste com as de desprazer sofridas pelo pequeno infante que surge o movimento de incorporação e rejeição do Eu. No psiquismo aquilo que é vivenciado como prazeroso mesmo a nível externo é incorporado ao Eu, enquanto que as



experiências desprazerosas são atribuídas ao mundo externo. Neste sentido, podemos pressupor o ódio como um afeto ligado ao mecanismo de rejeição, como forma do sujeito se separar daquilo que lhe é percebido como negativo, tanto a nível externo, quanto interno.

Outra importante referência, o texto de Freud (1919) intitulado *O Infamiliar* nos permite pensar o fenômeno do estranhamento inerente ao humano, a partir da manifestação da angústia e do horror. O autor aborda a própria palavra, *unheimlich* (Infamiliar), expressão alemã, que denotaria o oposto a *heimlich* (familiar) para expressar que o angustiante, o aterrorizante seria aquilo que não é reconhecido como familiar (FREUD, 1919). O infamiliar seria tudo aquilo que deveria permanecer oculto, mas devido a alguma contingência emergiu, não sendo reconhecido pelo Eu. Nas palavras do autor:

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de uma moção de sentimento, de qualquer espécie, transforma-se em angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angústia deve haver então um grupo no qual se mostra que esse angustiante é algo recalcado que retorna. Essa espécie de angústia seria então o infamiliar e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originalmente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo (FREUD, 1919, p.85).

Assim, o infamiliar seria de certa forma, um tipo de familiar que remeteria a algo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona inesperadamente. O que esse sentimento sinalizaria? Para Freud (1919) essa sensação de infamiliaridade articula-se aos complexos infantis recalcados, que podem ser revividos em momento posterior por algum fato que desperte a mesma sensação da infância. Estas impressões podem estar associadas às crenças primitivas que embora superadas, aparecem novamente confirmando o material recalcado.

A título de exemplo desse fenômeno, tomamos a história fantástica *O homem da Areia*, escrito por Ernst Theodor Amadeus Hoffmann que inspirou Freud. A história gira em torno de Natanael, o protagonista que conta, desesperado, ao seu amigo Lothar sobre um medo aterrorizante que tomou conta de sua infância. Natanael crê que o tal homem da areia, personagem de histórias infantis, assustador por ter a fama de roubar olhos, o visitou recentemente, através de um vendedor de lunetas chamado Coppola.

Ao analisar a história, Freud (1919) explicita que Natanael desperta esse temor, frente ao vendedor de lunetas, Coppola, por que algo em sua percepção reaviva as antigas crenças infantis, há muito tempo esquecidas. Há nesse estranhamento ao diferente, o reconhecimento de algo do sujeito que desperta tal sentimento. A diferença como aquilo que pode indicar algo do horror para o sujeito. Haveria a princípio, na imagem do infamiliar, do outro estranho, no qual não nos reconhecemos uma origem familiar que seria a “sutura para essa indeterminação primária” (DUNKER, 2019).



Nesse sentido, pensamos a partir do aporte de Freud (1919) que em certa medida o afeto do ódio destinado ao estrangeiro, como observamos em Bacurau, poderia ter como origem psíquica o sentimento de infamiliaridade. Ao não reconhecer enquanto próprio ao sujeito algo de sua divisão subjetiva proveniente do conflito psíquico de ideias recalçadas projeta-se no outro exterior esse afeto. A respeito do afeto do ódio àquele que representa a diversidade, Miller (2016) nos indica que se trata de um reconhecimento de algo do próprio sujeito nesse Outro. O ódio assim surgiria justamente devido a uma não aceitação por parte do sujeito de um modo de gozo Outro em si.

Salientamos que o conceito de gozo utilizado aqui por Miller, foi cunhado por Lacan numa tentativa de dar conta, de certa inadequação da linguagem simbólica. Uma vez que certas experiências que podem ser experienciadas como prazerosas a nível consciente, podem ser percebidas num nível inconsciente como desprazerosas, assim como, aquilo percebido num nível inconsciente como prazeroso, pode ser tomada na consciência como desprazeroso. Desse modo o conceito de gozo abarcaria essa ambiguidade vivida pelo próprio sujeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao lançarmos um olhar sobre obra cinematográfica de Bacurau, ficamos intrigados com a cumplicidade que mantém os laços sociais entre os moradores apesar de sua diversidade. Parece haver um respeito pelos modos de vida e existir particulares a cada um, ainda que haja discordâncias. Como exemplo, tomamos o personagem do professor Plínio, que demonstra não aceitar muito bem os crimes cometidos por Pacote, nem os rumos que Lunga tomou para sua vida. Ainda assim, parece haver respeito mútuo e um pacto indizível sobre as escolhas e identidades singulares.

Dito isto, é no mínimo peculiar que tal cidade, com tais características seja eleita como alvo de ataque por parte de estrangeiros. Uma cidade já de certo modo isolada geograficamente, que passa por dificuldades de acesso básico como água potável, vacinas e outros insumos médicos. Por conta disso, o prefeito Tony Jr é alvo de hostilidade por grande parte da população, que se indigna com o descaso do governante em relação às necessidades dos habitantes. Este sentimento é fortalecido com ações subsidiadas pela prefeitura, como a doação de livros, jogados como lixo por um caminhão, distribuição de alimentos com prazo de validade vencido e medicações inibidoras do humor. Curioso que essas ações são



interpretadas pelo prefeito como sinal de investimento na cidade, tendo na verdade como pano de fundo sua reeleição, funcionando na realidade como um *cala a boca* a população.

Mesmo com o descaso da prefeitura, frente à precariedade em que vivem, os moradores se organizam, selecionam e compartilham o que poderia ser aproveitado. O professor Plínio se destaca como figura de liderança e indica como critério de distribuição dos alimentos a consciência solidária e as necessidades de cada família, sugerindo que cada uma escolhesse o que precisava. Em relação aos livros, decidiriam coletivamente os de maior relevância e que estes ficariam disponíveis a todos na biblioteca da escola municipal. Outra personagem, Domingas enfatiza cautela em relação ao uso dos medicamentos doados. Em especial o psicotrópico inibidor de humor e comportamento que estaria disfarçado de analgésico, mas, no entanto pode fazer mal, vicia e deixa a pessoa lesa, nas palavras da mesma. Nesta cena fica evidente que embora Plínio e Domingas apareçam como protagonistas, as decisões não são tomadas pelos mesmos de forma autoritária, mas compartilhadas com todos, inclusive em relação ao uso da medicação, que apesar da advertência sobre os malefícios, fica a critério de cada um toma-lo ou não.

Ressaltamos a relevância do filme ao evidenciarmos dois destinos distintos ao lugar da diversidade no social. Ao mesmo tempo em que os habitantes de Bacurau convivem de forma pacífica apesar das diferenças individuais, esta não é tomada como objeto de segregação e violência. Como veremos o mesmo não ocorre se analisarmos outro cenário do filme, os forasteiros que invadem e atacam a cidade. Um dos primeiros atos do grupo é retirar Bacurau do sistema GPS de mapas, nos indicando o que estava por vir com a tentativa de erradicar de forma hedionda a cidade com seus moradores. Em outra cena, um *drone* disfarçado de disco voador sobrevoa Bacurau, a fim de levantar informações sobre o relevo da cidade visando à organização do ataque. Talvez uma aposta na possível ignorância por parte da população, o que é logo descartado, pois Damiano, um dos moradores que é observado pelo dispositivo, afirma se tratar de um *drone*, que os olha.

No desenrolar do filme, outras tomadas como a aparição de um caminhão pipa, responsável pelo fornecimento de água, todo furado por balas de tiros e a misteriosa chegada de dois forasteiros de moto, que cortam a rede de comunicação da cidade com o exterior vão consolidando o cenário de ataque a Bacurau. Posteriormente é revelado que tais forasteiros, também brasileiros, estão contribuindo com os estrangeiros exterminadores. Já na chegada a cidade matam dois moradores a sangue frio que teriam testemunhado o assassinato de outras pessoas numa fazenda no entorno de Bacurau que servia de sede para os estrangeiros.



Ao observarmos o núcleo do filme dos estrangeiros e dos forasteiros notamos reiteradamente marcas de segregação e ódio à diversidade. Isso fica evidente em várias cenas como em uma espécie de reunião na casa-sede em que são discutidas as próximas ações de ataque a Bacurau. Nesta ocasião, o casal de forasteiros é questionado pelos estrangeiros o motivo de terem matado dois moradores de Bacurau sem o consentimento da voz de comando. Em um primeiro momento lhes é perguntado se as pessoas que foram assassinadas eram amigos deles, uma vez que eram brasileiros assim como eles. Os forasteiros respondem que não atiram em amigos, que eles são diferentes, provenientes de outra região do Brasil, no sul, que teve forte influência germânica e italiana em sua colonização. A origem dos forasteiros, do sul, assegura para eles sua semelhança como os estrangeiros e diferença dos locais. Esse momento do filme é muito interessante, pois apresenta uma forte tensão evidenciada a partir de uma discussão ética sobre quem teria direito a viver ou morrer segundo as regras do grupo de estrangeiros que pregam o ódio e segregação a diversidade.

A cena atinge seu clímax quando o personagem Chris afirma: “você não são como a gente, você não são brancos”. Quando questionados mais diretamente do porquê de terem matado os dois moradores, os mesmos justificam que foi para ajudar o grupo, que fizeram o mesmo que os estrangeiros fizeram. Tal resposta é prontamente rebatida por Michael, que assevera a culpabilidade dos forasteiros por terem assassinado pessoas de seu próprio povo. Outra personagem estrangeira, Julia acrescenta que o casal foi contratado para servi-los e não para roubar os bônus das mortes deles. Logo após essa discussão, uma voz que comanda desde os auriculares ordena que se cumpra a execução dos forasteiros.

A análise do grupo de estrangeiros nos faz questionar sobre o que os une enquanto equipe, no mesmo time, de um jogo macabro de caça e execução de outras pessoas diferentes deles. Freud (1921) nos indica no texto intitulado, *Psicologia das massas e análise do eu*, que os fenômenos de identificação são imprescindíveis para a formação de grupo. Esta identificação está presente quando diferentes indivíduos percebem uma característica, uma qualidade em comum, responsável pela constituição de um grupo. Como exemplo, Freud (1921) cita a igreja, no qual o que une as pessoas é a fé cristã, além da crença no amor de Cristo. Essa crença se sustenta em dois axiomas, o de que Cristo ama a todos igualmente e de que assim como ele, a partir da identificação, os cristãos devem amar seus semelhantes como Cristo os amou (FREUD, 1921). Desse modo, o amor seria uma das fontes primordiais de identificação em um grupo. Assim nos perguntamos que traço de identificação uniria a confraria de estrangeiros, uma vez que claramente não seria o amor.



A marca do núcleo de estrangeiros parece ser a hostilidade e a agressividade, presentificada em cada reunião e discussão sobre diferentes pontos de vista e atitudes. Isso fica evidente logo após a execução dos estrangeiros na sala em que estavam reunidos, no qual o personagem Joshua demonstra seu incômodo ao nomear como *enrolação* à discussão sobre os critérios para execução dos moradores de Bacurau. Joshua os lembra que estão ali exclusivamente pelo *body count*, pelo jogo de contagem de corpos abatidos e que as ferramentas necessárias a execução do objetivo já está em mãos.

Em outra cena, Terry e Michael, denunciam aos demais que Joshua havia matado uma criança. Curioso que ao ser questionado, Joshua não se apresenta afetado com o fato, justificando em tom sarcástico que fez o que devia ser feito. A discussão é interrompida com uma voz que ressoa nos auriculares de todos assegurando que o assassinato da criança foi válido e contabilizado. O comando de voz não faz calar Terry que vocifera suas indignações acusando Michael de *nazi*. Esta denúncia o deixa profundamente irritado, levando-o a passagem ao ato destinando um tiro no tórax de Terry, que felizmente usava um colete aprova de balas. A atitude de Michael provoca perplexidade nos demais, revelando que mesmo identificados por uma causa, a matança, a intolerância a divergência tem como destino o ódio dentro do próprio grupo. Os destinos do ódio apresentam como ponto culminante, já nas cenas finais do filme, durante o confronto com os moradores de Bacurau, Michael atirando e matando outros membros do grupo de estrangeiros.

Na perspectiva dos fenômenos de identificação proposto por Freud (1921), não é alguma ideia, traço, missão ou sonho que comungam o grupo de estrangeiros no filme Bacurau. Não notamos nada que possamos referendar a algo de uma ordem simbólica, mas quem sabe algo da pulsão de morte. Partindo das contribuições de Miller (2016) ao analisar os fenômenos de identificação de jovens extremistas islâmicos, o autor indica que parece haver algo do gozo particular de cada um que os reúne, ressoando no corpo próprio. O conceito de gozo em Lacan é vasto e está atribuído a outros conceitos a depender do momento de seu ensino que foi atrelado. Para seguirmos nossa discussão nos servimos de Lacan (1971-1973) no momento em que propõe as fórmulas da sexuação como modelo teórico de diferentes modos de gozo.

Nesta vertente haveria um funcionamento de gozo nomeado com masculino, fálico, e outro como feminino, não-todo fálico, que nada tem a ver com o binarismo biológico do sexo, homem-mulher nem com o conceito de gênero tal qual entendido no social uma vez que ambos os modos de gozo podem ser experimentados de forma contingente por qualquer



peessoa. De um lado das fórmulas da sexuação temos o gozo fálico, todo, submetido inteiramente a função fálica, tendo caráter significante, quer dizer revestido pela linguagem enquanto ordem simbólica. Do outro lado do quadro, temos o gozo não-todo fálico, uma vez que não estaria submetido totalmente à função fálica. O gozo não-todo, também chamado gozo Outro, escapa a significação, está fora-do-sentido, da ordem simbólica, e não é possível de ser dito, uma vez que se experimenta no corpo. Neste sentido, é por meio do gozo fálico, que se é possível haver identificações, dada a natureza significante desse modo de gozo. Assim, concordamos com a hipótese de Caldas (2016) de que a violência e a segregação surgem como defesa frente a qualquer outro modo de gozo que diverge do modo fálico, podendo estar encarnado em diferentes figuras, como: a mulher, o negro, o transexual ou o imigrante.

Retomando a cena do filme em que os estrangeiros se apresentam e falam um pouco de si e de suas motivações para entrarem no *game*, surge um fetiche em comum por armas de fogo antigas. Outro traço relevante aparece quando Terry confidencia sobre sua motivação de estar ali após a frustração vivida por um divórcio e a necessidade de descontar o mal-estar em outros. Num primeiro momento o personagem conjectura em descontar seu ódio na própria ex-esposa. Dado a impossibilidade de concretizar o assassinato da mesma, cogita um ataque a um local público. No entanto, antes de passar ao ato, toma conhecimento da existência desse grupo que tem como objetivo se reunir para matar outras pessoas. Ao analisarmos o discurso do personagem Terry, podemos inferir que ele projeta no outro seu mal-estar, e que este poderia ser extirpado eliminando esse outro. Notamos assim, elementos que justificam a identificação dos membros do grupo com um modo de gozo compartilhado de ódio e violência ao infamiliar.

Ao considerarmos o processo de constituição do sujeito, como já apontado anteriormente, a partir do campo do Outro, podemos compreender que o próprio corpo está sempre em condição de estrangeiridade para si. Desse modo, o sentimento de infamiliaridade ante um estranho, é tão somente a percepção em algum nível, desse Outro no próprio sujeito, é pensar o estrangeiro como o próprio gozo. Nas palavras Miller (2016, p. 5):

Se o problema tem o ar de insolúvel, é porque o Outro é Outro dentro de mim mesmo. A raiz do racismo é o ódio de meu próprio gozo. Não há outra raiz a não ser essa. Se o Outro está no interior de mim mesmo em posição de extimidade, trata-se igualmente de meu próprio ódio.



É por não reconhecer este gozo Outro, suplementar, em si que o sujeito projeta na figura de um outro aquilo ao qual não pode se haver. Desse modo, concordamos com Caldas (2016) que alguns grupos se constituiriam a partir de um modo de gozo compartilhado, de um traço de identificação, que visaria combater esse gozo Outro inassimilável e recusado pelo próprio sujeito.

Nesta perspectiva, o filme Bacurau nos ensina sobre distintas formas de enlaçamento com o Outro, que representa uma diversidade, desde o fatal destino do ódio, tal qual incarna os estrangeiros, bem como um tratamento via inclusão, como no caso dos habitantes do município. Miller (2016) afere que o discurso universalizante propagado pela ciência, em prol de uma generalização estatística acaba por desconsiderar a diferença, e que justamente o rechaço a alteridade, pode desencadear muitas vezes reações violentas. Como consequência disso, elencamos o forte retorno de movimentos retrógados, como os de supremacistas brancos, movimentos contra as causas LGBT, de violência contra a mulher, etc.

É possível que a questão referente ao afeto do ódio seja a de que o seu destino à violência ao Outro, passe por esse ponto já debatido, do não reconhecimento, desse Outro em si. Quando a consequência da diferença é a segregação, a violência torna-se ela própria um signo de diferenciação, em relação a este Outro, fomentando ainda mais políticas segregatórias. No entanto, se pensarmos a questão da alteridade pela via do desejo, tal diferença pode tomar outros contornos, como a aquisição de valor (CALDAS, 2016). Uma saída possível ao ódio à alteridade seria, portanto introduzir uma escansão nesse modo de gozo fálico auto-erótico dirigido ao Outro, não enquanto aquele que usurpa seu gozo, mas enquanto marca de desejo, na diferença, que se caracteriza por desejo de outra coisa.

Nesse sentido, a resposta da população de Bacurau, poderia ser entendida como uma negativa frente a um discurso de violência, que os colocam num lugar de objeto de gozo do Outro como corpos matáveis, autorizado simbolicamente com o descaso do prefeito da cidade. No entanto, para nós, a réplica dos moradores pode ser entendida como uma recusa a este discurso opressor, manifestado também pela violência, mas como um ato subversivo, de resistência frente a uma não aceitação do discurso desse Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, Bacurau de certo modo, explicita que, por mais que o ódio, afeto inerente a condição humana, presente ao longo de toda a história, mude de alvo conforme os discursos



vigentes, na atualidade adquire contornos de segregação e violência a diversidade étnico-racial. Se no passado a violência a outros povos tinham como motivação uma ideologia simbólica, seja a partir de ideais de colonização, extração de recursos, progresso ou instauração de democracias, a violência aos moradores de Bacurau atendem a outros comandos.

Ao colocar em tela um grupo de estrangeiros que matam pessoas de outro país, tendo como fim o próprio ato de matar, observamos que o que está em jogo, tal qual muitas vezes observamos no atual contexto político-social, é um modo de gozo mortífero compartilhado. A análise do filme Bacurau a luz do referencial teórico da psicanálise nos permite lançar um novo olhar sobre as manifestações do ódio a partir de múltiplas formas de violência a diversidade que aparecem na contemporaneidade. A psicanálise nos fornece subsídios para pensar formas alternativas de tratamento a alteridade que não passam em colocar o outro no lugar de objeto de gozo, mas pela via do desejo, signo de valor, convocando cada sujeito a se responsabilizar pelo infamiliar do gozo que o habita.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Armand Colin, 2013.

CALDAS, H. Segregação, violência e errância. In: _____ Errâncias. adolescências e outras estações. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016. p. 125-135.

DUNKER, I. L. Oniropolítica: alegorias da violência no Brasil contemporâneo. Blog da Boitempo, 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/10/07/oniropolitica-alegorias-da-violencia-no-brasilcontemporaneo/>>. Acesso em: 25 Outubro 2019.

FREUD, S. Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud). In: _____ Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1996. p. 191-208.

FREUD, S. Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra? / apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus. Santa Maria: FADISMA, 2005.



FREUD, S. PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU (1921). In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 15, 2011. p. 13-114.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. **O infamiliar e outros escritos / Sigmund Freud ; seguido de O homem de areia / E.T.A. Hoffmann**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1972-1973].

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____ **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 [1949]. p. 96-103.

MILLER, J.-A. Em direção à adolescência. In: CALDAS, H. [.]. **Errâncias, adolescências e outras estações**. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016. p. 19-33.

MILLER, J.-A. Racismo e extimidade. **Derivas analíticas, Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise**, Minas Gerais, n. 4, Maio 2016.